

Sim, estamos no exílio, mas onde estão as fronteiras?

Celso Gutfreind¹

Resumo: Neste artigo, discute-se o tema do exílio e das fronteiras, ampliando-os do exterior ao mundo interno. Parte-se de uma experiência da própria infância do autor, neto de imigrantes, para a ampliação dessas fronteiras, passando por seu exílio voluntário enquanto psicanalista da infância e, sobretudo, expondo a sua vivência clínica e acadêmica na França, com projetos de pesquisa e dispositivos de etnopsiquiatria, em escola e hospital.

As conclusões, abertas, em movimento, apontam para a importância do tema em termos de realidade externa, com os movimentos dos refugiados ao redor do mundo, mas concernindo a vida psíquica dentro de todos nós.

Palavras-chave: Exílio. Etnopsicanálise. Etnopsiquiatria. Fronteiras.

“Eu vou de voltar
Eu venho se volta
E faço a canção
de ecos e tons
se avança e recua
Eu vim à Europa
com pouco e sem língua
tomei café ralo

¹ Psicanalista de crianças, adolescentes e adultos, membro titular com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, escritor, com 37 livros publicados, entre poemas, contos infanto-juvenis e psicanálise.

esporro em guichê
 E muito me importa
 voltei ao silêncio
 voltei ao Rimbaud
 voltei a falar
 voltei ao avô”
 Mandatos²

Palavras quase iniciais

Com o perdão da redundância, tudo começou no começo, pois acredito que a minha primeira percepção da existência do exílio na vida humana e das fronteiras no vasto mundo se deu na infância, quando percebi que os sons da fala de meus avós eram estranhos. Havia até uma palavra para aquilo: sotaque.

Como um Pequeno Hans (Freud, 1909/1996a), capaz de perguntar, perguntei-lhes os motivos daqueles erres carregados ou jotas que vinham como z, com a sua profusão de estranhamentos. O avô materno, então, começou a me contar histórias mirabolantes da Bielorrússia, de onde tinha vindo, na primeira metade do Século Vinte. Para mim, os seus relatos, com muito sotaque nas palavras, nada deviam em intensidade aos livros que sua filha (minha mãe), já uma brasileira, me apresentava.

Na companhia dos lobos, em seu trajeto diário para a escola judaica, tinha a força de um Peter Pan ou de uma Moby Dick. Segundo os seus relatos fabuladores, alguns animais eram seus amigos; outros, não. Tinha também a história do não acesso à biblioteca, fora do gueto, e que continha o absurdo de uma Alice com a Rainha de Copas. Para mim, como ouvinte-leitor, era como se cortassem a cabeça do meu avô.

Havia uma batida triste, melancólica até, como nos contos de Andersen, na história que ele mais repetia: a despedida de sua mãe, quando ele partiu, ainda jovem, para a América. Os ciprestes choravam, junto com os lobos amigos (os inimigos riam com escárnio), e as lágrimas do menino, pouco mais do que um adolescente, congelavam instantaneamente, logo que caíam na neve. Meu avô nunca mais veria a sua mãe, e isso, em meio a suas ficções encobridoras, era ferinamente verdadeiro.

O avô paterno usava o sotaque para contar outras histórias. Sobre a trama principal, a do exílio, ele a tangenciava sem jamais narrar de frente. Ele me

² Celso Gutfreind, 2013.

entregava tão somente silêncios que, anos mais tarde, já como psicanalista, pude acolher com um conceito quase ficcional e chamar de criptas (Abraham & Torok, 1987/1995).

Quando o sotaque de meus avôs havia se tornado memória, banhado por narrativas e silêncios, eu já era um escritor, muitas vezes dos relatos orais de um avô, em meio aos silêncios do outro, já que uma narrativa é o resultado do que se conta e do que se cala. Desejava tornar-me um psicanalista de crianças, profissão muito análoga à do escritor, e fui estudar na França, com Philippe Mazet e Serge Lebovici, com quem desenvolvi uma tese de doutorado, utilizando o conto de fadas como mediador no tratamento de crianças separadas de seus pais e vivendo em abrigos públicos de Paris e da região parisiense.

Todas essas crianças, praticamente sem exceção, eram filhas de imigrantes, sobretudo de ex-colônias africanas. Algumas eram asiáticas, e todas eram maltratadas, negligenciadas e também padeciam da falta de suas histórias, silenciadas pelos seus pais em seus exílios involuntários. Não raro, contávamos histórias de suas terras-natais, como certa feita, para um filho de marroquinos, que se apaixonou por aquela história cujo cenário, a praça central de Marrakesh, trouxe-lhe um largo sorriso, pela primeira vez, no abrigo em que estava colocado.

Aquilo tudo não doía menos em mim, um exilado voluntário e, cada vez mais interessado pelo tema, passei a frequentar as consultas de etnopsiquiatria, no serviço de Philippe Mazet. Elas eram dirigidas por Marie-Rose Moro (Moro, 1991, 1994; Gutfreind, 2005), uma espanhola exilada na França.

Já leitor de Freud, eu sabia que psicanálise e cultura estão próximas e, de certa forma, toda psicanálise é aplicada às artes e à cultura (Green, 1994). Mas eu não tinha ainda uma experiência clínica de tudo aquilo, e agora começava a ter.

Sintomas, sempre abertos como uma obra, costumam ser frutos de questões constitucionais e, sobretudo, afetivas, mas isso não exclui a cultura, pelo contrário... Se todo psicanalista precisa ser um pouco artista e filósofo, agora também me parecia que ele precisava ser um antropólogo. Freud, como sabemos, foi também um antropólogo e não somente em seus trabalhos mais tardios.

Palavras quase no meio

Vivi essas experiências como estagiário estrangeiro, com Marie-Rose Moro, na Universidade Paris 13 e, depois, como contratado pelo Serviço de Etnopsiquiatria da escola Charles Ermitte, coordenado por Rébecca Duvillié (1997, 1998), uma egípcia também exilada na França.

Ao norte de Paris, em Bobigny, com Marie-Rose, ou em Porte de la Chapelle, com Rébecca, não foram poucas as vezes em que tirei o chapéu para a prioridade

ou, pelo menos, para a importância da cultura nas construções, desconstruções e reconstruções dos afetos.

Havia momentos em que o psiquiatra (que eu já era) e o psicanalista (que eu me tornava aos poucos) precisavam dar passagem para o antropólogo que nos acompanhava e era ali a fonte para um sentido maior. No grupo (o dispositivo era grupal, causando menos estranhamento diante das culturas originais), havia sempre a participação de um tradutor, oferecendo um banho de reencontro com a língua materna. Nas consultas com as famílias cabo-verdianas, eu acumulava as funções de psiquiatra e tradutor (com sotaque).

Vi haitianos que só se restabeleceram depois de expressarem o medo decorrente de um vudu. A ideia de um Supereu sádico ou um ideal de ego malogrado lhes era muito distante, ainda que pudéssemos pensar nelas.

Vi malianos que só se reconstituíram depois de aceitarem a ideia de consultar um marabu-feiticeiro, em sua cidade natal. A ideia de um medicamento lhes era pouco aceitável.

Vi congolezes que só se recuperaram depois de uma reordenação entre as esposas de sua família poligâmica, já que a terceira mulher havia aproveitado o exílio para sair de seu lugar e exercer autoridade sobre a segunda. O retorno da hierarquia entre as mulheres guardava um efeito terapêutico.

Após as prescrições do antropólogo, a família reencontrava, com muita frequência, alguma paz, que permitia os filhos encontrarem algum prazer na escola. Psicanálise e antropologia estavam de mãos dadas em busca de algum sentido verossímil, possível.

Muitas crianças não se alfabetizavam, pois alfabetizar-se significava, simbolicamente, que os adultos dessem adeus à cultura de origem e tivessem de adentrar a realidade do luto pelo exílio. E, como pode ocorrer em qualquer cultura, especialmente, naquelas mais pobres em seus rituais, um luto pode evoluir para uma melancolia (Freud, 1917/1996b).

Não aprender, no caso, propiciava aos pais, universalmente narcisistas como costumam ser, adiar a despedida, através dos filhos (Freud, 1914/2004).

E quem aprendeu a se despedir sem um bom aporte afetivo, estético, analítico?

E quem é capaz de se despedir em meio a um trauma?

A elaboração cultural e multidisciplinar de tudo isso era o que proporcionávamos com aquela etnopsiquiatria ou etnopsicanálise.

Vivi ali outras inúmeras histórias, participei de vários atendimentos, ao longo de cinco anos. Uma delas inclui o trabalho com filhos de imigrantes em um outro dispositivo bastante vivo e interessante. Realizei uma pesquisa-ação e clínica, utilizando o conto como mediador junto a crianças separadas de seus pais e vivendo em abrigos públicos. Ao invés de desenhos e jogos, habitualmente

utilizados na análise infantil, utilizávamos as histórias, mediadores lúdicos, abertos e culturais.

Trabalhávamos em coterapia, junto com a educadora do abrigo da ASE³. As crianças portavam diagnósticos pesados, como transtorno de conduta ou depressão severa. O nosso objetivo era, como em qualquer psicoterapia de orientação analítica, fomentar a representação, a simbolização, a elaboração de seu sofrimento, oriundo de maus-tratos ou mesmo da separação.

As crianças, em sua maioria, eram filhos de imigrantes e com elas vivemos as situações acima descritas de trazer benefícios com histórias que evocassem a sua cultura de origem. No entanto, referimo-nos, agora, a duas crianças que atendemos em um grupo-controle, de uma escola. Construímos esse grupo em função de nossa metodologia, com o intuito de observar, comparativamente, se haveria aspectos específicos na utilização dos contos nas duas populações, uma composta de crianças separadas de seus pais e vivendo em abrigos, outra de crianças vivendo “normalmente” em ambiente escolar.

Pensávamos na escolha do repertório, do dispositivo, etc. Mas, aqui, interessamos o efeito que o trabalho em torno dos contos surtiu, sobretudo, em dois meninos. Eles eram os únicos filhos de imigrantes entre as seis crianças do grupo. Ambos tinham quatro anos, Alan pertencia a uma família vietnamita, e Quacu, era oriundo de uma família da Guiné Bissau. Por mais que não apresentassem dificuldades aparentes, nos mais diversos aspectos de sua vida emocional, conforme a observação das professoras e de acordo com a nossa demanda, os instrumentos de avaliação inicial mostraram alguns aspectos preocupantes.

Os testes projetivos apontaram uma ansiedade importante em Quacu e os de inteligência, um resultado abaixo da média no QI de Alan. Depois de um ano ouvindo histórias em um dispositivo grupal, essas duas crianças, filhos de imigrantes, mostraram resultados muito melhores em sua reavaliação final, atingindo níveis quantitativos e qualitativos dentro da normalidade.

Por mais que ali não tivéssemos a preocupação de utilizar histórias de suas culturas originais (trabalhávamos com contos da tradição oral ocidental), a sua evolução nos fez pensar em várias hipóteses. Ambos foram descritos por seus professores da escola infantil como se tornando bem mais interessados pela escola, o que coincidiu com a diminuição da ansiedade de Quacu e o aumento no resultado do QI de Alan.

Nossa hipótese foi de encontro à dinâmica psicanalítica e antropológica da dificuldade de aprendizagem de crianças filhas de imigrantes, conforme descrevemos anteriormente. Aprender, para eles, significava aceder à nova

³ Aide Sociale à l'Enfance, órgão público responsável pela colocação em abrigos das crianças separadas de seus pais.

cultura, confrontando os pais com o luto e a separação, advindos de um cruzamento irreversível de fronteiras. Dentro de uma dinâmica familiar, isso lhes era, de certa forma, interdito. Assim, não poderiam interessar-se pela escola diretamente, o que era dificultado, sistemicamente, pela resistência familiar.

No entanto, se o acesso fosse indireto, através dos contos, abria-se um espaço para que pudessem aprender. Os contos lhe ofereciam um acesso lúdico, aberto (Bonnafé, 1994; Diatkine, 1994) e, com as suas metáforas (Mills & Crowley, 1986/1995), tangenciavam ou driblavam o perigo de uma cultura ameaçadora. A matemática e a gramática, pouco metafóricos, escancaravam a nova cultura, mas o medo da bruxa e de um lobo a ofertavam de forma segura, palatável, não ameaçadora.

As professoras concluíram, valorizando o que representou para as crianças restituir-lhes seu próprio patrimônio cultural, e assinalaram a necessidade, relacionada à variedade de origens culturais das crianças, de diversificar o material com que se trabalha em sala de aula (Gutfreind, 2019).

De onde não esperávamos melhores resultados, fomos surpreendidos pela evolução de contentamento de duas crianças. Tal evolução nos fez pensar no caráter terapêutico e universal de contar histórias. Ou calar histórias. Ela me fez pensar nos meus dois avôs e em seus contos, contados ou não, repletos de lobos, de medos, de afetos ditos ou segredados. E no quanto a poesia de um encontro e a narratividade de seus relatos podem tecer a ponte para a integração.

Outra experiência, norte-americana, realizada em Nova York, utilizou contos do folclore porto-riquenho com crianças dessa origem e mostrou melhores resultados do que os de um grupo controle com contos universais (Constantino et al., 1986; Gutfreind, 2019). Dessa forma, revelou-se a valia do conto, objeto cultural, em estruturar a vida psíquica de cada um, devolvendo-lhe a saúde que a realidade tirou, ou agindo, antes disso, como um fator de resiliência, preventivo, conforme atestam os estudos de autores já citados, como Duvillié e Moro.

Esse tipo de atividade também poderia encorajar as escolas a superarem as dificuldades ligadas ao pesado cotidiano que encontram nas tarefas educacionais, abrindo-se um espaço de aprendizagem mais lúdico e indireto (Hétier, 1999; Gutfreind, 2019).

Nesse caso, são as palavras, as frases, as histórias contadas e ouvidas com empatia que poderiam devolver-nos a um lugar menos estranho, mais familiar, a uma certa pátria psíquica ou a um lar.

Ocorre-me ainda uma breve vinheta clínica, diferente dessas que estamos narrando. Ela já não é comunitária, grupal e refere-se a meu atendimento em consultório, edificado desde o meu retorno à minha pátria. Neste mundo

desigual, em que a distribuição errática de renda se converte em sintoma e nos defrontamos com o drama dos refugiados, nem sempre é menor o sofrimento daqueles que provêm de famílias mais abastadas. Freud, de forma geral em sua obra, já havia se referido ao aspecto “democrático” da doença mental, e hoje sabemos que a pobreza, assim como o exílio, são fatores de risco, mas não determinantes de um transtorno.

No meu trabalho em consultório privado, não exatamente comunitário, lidando especialmente com aqueles que têm acesso a uma análise individual, não vêm sendo raros os atendimentos por Skype de jovens bem-sucedidos que se encontram morando em um país distante do seu. O perfil é o mesmo: excelente formação, ótimo salário, acesso a bens materiais e a uma vida cultural riquíssima como são as de Londres, Berlim ou Nova Iorque.

No entanto, estão tristes, até mesmo depressivos, o que não parece associado integralmente ao excesso de trabalho e exigências de uma empresa inserida em um mercado por vezes cruel, de uma sociedade do desempenho. Às vezes, a dor é da distância, o sofrimento proveniente do exílio.

Dia desses, um jovem adulto, com um sofrimento genuíno, relatou-me o seguinte:

– O Central Park tem mais distância a percorrer e o seu chão é mais liso, mas eu prefiro repetir as voltas e desviar dos buracos do parque da minha cidade.

Pungente o depoimento deste jovem, a quem hoje atendo presencialmente e, há pouco, encontrei-o com uma tendinite, decorrente de correr em calçadas esburacadas; mas com muito mais contentamento de voltar à sua cidade, mesmo com um salário bem menor.

Palavras quase finais

Certa vez, na França ainda, antes de entrar em uma consulta de etnopsiquiatria (sempre coletiva), quase ao final de minha jornada estrangeira lembrei-me de um poema que havia lido no Brasil, na adolescência:

“Minha pátria é minha infância:
Por isso vivo no exílio.”

O poeta Cacaso (1985) o havia escrito e pensei que Ferenczi (1990) o reescreveria assim, antecipando os fatos psíquicos:

“Minha pátria é o útero materno:
Por isso vivo no exílio.”

Desde então, tive o insight de que não precisava partir do meu país para ser ou não ser um exilado. Costumo ainda olhar dessa forma e com esse conteúdo afetivo para qualquer ser humano com seu diagnóstico, feito ou adiado.

De volta ao Brasil, mas não exatamente à minha pátria, especialmente se ela for um útero ou uma infância, nunca deixo de acolher uma dor alheia sem antes, durante ou depois, acolher a minha própria. Minha análise é interminável (Freud, 1937/1996c). Minha dor, às vezes, é menor do que a do outro. Outras, pode ser até maior, mas nunca é a mesma.

Essa dor é a base da empatia com que trabalho para buscarmos, os analisandos e eu, algum sentido nesses exílios vagos, constantes, indeterminados. Trata-se de um trabalho afetivo, cultural, de tradução constante, incompleta. Sou psicólogo, antropólogo, radicado, exilado. E isso pode ser no Brasil, na França, na infância, na adolescência, na vida adulta, no inconsciente ou em Calcutá.

Yes, we are in exile, but where are the borders?

Abstract: This article discusses the topics of exile and borders, amplifying them from the exterior to the inner world. It begins from an initially personal experience; that is, from the author's childhood, as a grandson of immigrants, leading to the amplification of these borders from the author's own voluntary exile as a childhood psychoanalyst and, above all, his own clinic and academic experience in France, with research projects and ethnopsychiatry devices at schools and hospitals.

The conclusions, which are open and in movement, lead to the importance of the topic in terms of external reality, with the refugees' movements worldwide but concerning our inner psychic lives.

Keywords: Borders. Ethnopsychiatry. Ethnopsychanalysis. Exile.

Referências

Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1987)

Bonafé, M. (1994). *Les livres, c'est bon pour les bébés*. Paris: Calmann-Lévy.

Cacaso. (1985). *Beijo na Boca*. São Paulo: Brasiliense.

Sim, estamos no exílio, mas onde estão as fronteiras?

Constantino, G., Malgaldy, R. G., & Lloyd, H. R. (1986). Cuento therapy: A culturally sensitive modality for puerto rican children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(5), 639-645.

Diatkine, R. (1994). L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie. In *L'enfant dans l'adulte ou L'éternelle capacité de rêverie*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

Duvillié, R.. (1997). Du côté de l'ethnopsychiatrie: Débat – Les doigts pleins d'encre, *Migrants-Formation*, 110, 171-183.

Duvillié, R. (1998). Une consultation d'ethnopsychiatrie à l'école, *Le Journal de Psychologues*, 160, 32-34.

Ferenczi, S. (1990). *Thalassa. Ensaio sobre a teoria da genitalidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (1996a). Duas histórias clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (1996b). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (1996c). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao Narcisismo. In L. A. Hanns (Trad.), *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Green, A. (1994). *O desligamento – Psicanálise, Antropologia e Literatura*, Rio de Janeiro, Imago.

Gutfreind, C. (2005). *Vida e arte – A expressão humana na saúde mental*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gutfreind, C. (2013). *Em defesa de certa desordem*. Porto Alegre: Artes & Ofícios.

Gutfreind, C. (2019). *O terapeuta e o lobo – A utilização do conto na clínica e na escola* (Ed. rev. e ampl). Porto Alegre: Artmed.

Hétier, R. (1999). *Contes et violence – Enfants et adultes face aux valeurs sousjacentes du conte*. Paris: PUF.

Mills, J. C., & Crowley, R. J. (1995). *Métaphores thérapeutiques pour enfants*. Marseille: Hommes et perspectives. (Trabalho original publicado em 1986)

Moro, M.-R. (1991). Essai d'analyse des propositions thérapeutiques spécifiques en entretien ethnopsychiatrique mère-enfant. *Psychologie Française*, 36(4), 307-322.

Moro, M.-R. (1994). *Parents et exil – Psychopathologie et migrations*. Paris: PUF.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 24/11/2020

Aceito em: 01/03/2021

Celso Gutfreind
Av. Plínio Brasil Milano (Praça Alberto Ramos), 812 / 505
90520-050 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: celso.gut@terra.com.br